



O OLIMPISMO EM UMA PERSPECTIVA INTRÍNSECA NO ÂMBITO ESCOLAR

Resumo - O presente estudo busca refletir sobre a utilização da filosofia olímpica no âmbito escolar, atribuindo a ela uma visão intrínseca, fundamentada pelo pensamento socrático, e consolidada pela filosofia kantiana, através do termo areté. Consolidando o Olimpismo com bases intrínsecas humanas, a aplicação no âmbito escolar se torna o alvo de discussões, amparada sob os argumentos de uma proposta de Educação Olímpica sendo contestada por uma outra proposta, a de Educação do Olimpismo. Por fim, uma educação baseada no Olimpismo é extremamente interessante, e alicerçada numa perspectiva intrínseca, se torna convidativa, pedindo por estudos mais aprofundados.

Palavras-Chave: Olimpismo; valores universais; intrínseco.

OLYMPISM IN AN INTRINSIC PERSPECTIVE IN SCHOOL

Abstract - The present study seeks to reflect on the use of the Olympic philosophy in the school context, attributing to it an intrinsic vision, based on Socratic thought, and consolidated by Kantian philosophy, through the term areté. Consolidating Olympism with human intrinsic bases, the application in school becomes the subject of discussions, supported under the arguments of a proposal of Olympic Education being confronted by another proposal, the Education of Olympism. Finally, an education based on Olympism is extremely interesting, and based on an intrinsic perspective, it becomes inviting, asking for more in-depth studies.

Keywords: Olympism; universal values; intrinsic.

EL OLIMPISMO DESDE UNA PERSPECTIVA INTRÍNSECA EN EL ÁMBITO ESCOLAR

Resumen - El presente estudio busca reflexionar sobre la utilización de la filosofía olímpica en el ámbito escolar, atribuyéndole una visión intrínseca, fundamentada por el pensamiento socrático, y consolidada por la filosofía kantiana, a través del término areté. Consolidando el Olimpismo con bases intrínsecas humanas, la aplicación en el ámbito escolar se convierte en el blanco de discusiones, amparado bajo los argumentos de una propuesta de Educación Olímpica siendo contestada por otra propuesta, la de Educación del Olimpismo. Por último, una educación basada en el olimpismo es extremadamente interesante y basada en una perspectiva intrínseca, se vuelve invitante, pidiendo estudios más profundos.

Palabras-clave: Olimpismo; valores universale; intrínseco.

*Francisco Marchiori da
Mota*

*Escola Superior de
Educação Física de
Jundiaí*

*franca_marchimota@
hotmail.com*

*[http://dx.doi.org/
10.30937/2526-
6314.v2n1.id20](http://dx.doi.org/10.30937/2526-6314.v2n1.id20)*

Introdução

O presente estudo busca compreender o Olimpismo através de uma perspectiva intrínseca de valores universais, e analisar sua aplicabilidade nas aulas de Educação Física Escolar. Muito se discute sobre a permanência da Educação Física como disciplina curricular obrigatória nas escolas em nosso país. Frente a esse cenário, o estudo a seguir se baseia na seguinte pergunta: “Como o Olimpismo, aliado a uma perspectiva intrínseca de valores universais, pode auxiliar na formação dos nossos alunos, de forma prática?”. Para responder tal questão, buscamos a filosofia, de maneira particular, os pensamentos de Kant e Sócrates sobre dignidade, conectando-os com as ideias olímpicas, para analisar sua aplicação na formação integral do escolar.

Método

O método do presente estudo foi uma revisão bibliográfica da literatura existente. Foram utilizados artigos encontrados na ferramenta de pesquisa “Google Acadêmico”, entre os anos 1995-2016, tendo os termos de busca como: Olimpismo; Educação Olímpica; Jogos Olímpicos; areté; Pierre de Coubertin; e Valores Universais; além da utilização de livros adquiridos na biblioteca da Escola Superior de Educação Física de Jundiaí – SP, publicados entre os anos 1998-2007, como um trabalho de conclusão de curso na área da Psicologia como bibliografia auxiliar.

Os Primórdios do Olimpismo

Sabemos que a inspiração que levou Pierre de Coubertin a consolidar o Olimpismo, e a reacender a chama Olímpica em 1896, foram os Jogos da Antiguidade: celebrações helênicas, séculos atrás. A expressão máxima de heroísmo, hombridade e valor em toda a Grécia Antiga, foram os Jogos Olímpicos, adquirindo grande magnificência no mundo antigo.

É claro que Olímpia não conduziu a Hélade a uma unidade política; conseguiu, no entanto, algo mais importante: a aceitação geral e a cristalização das características comuns do espírito helênico, apesar das

contestações, das rivalidades e da fragmentação dos helenos entre suas cidades hostis e isoladas¹ (p. 84).

Pelo esporte, uma cultura inteira se reunia e compartilhava um mesmo ideal. Dessa maneira, podemos nos questionar qual seria esse ideal? Encontramos em Rubio e Carvalho² o conceito de areté. Mas o que seria isso? Diversos autores divergem em suas opiniões quanto ao significado da palavra. Galito⁴ define areté, como um heroísmo, uma excelência adquirida, expressa através de atitudes dignas de reconhecimento deveras imortal. Esse ideal impulsionava os homens daquela época, de uma maneira sobre-humana, levando-os, através de feitos atléticos, a alcançar glórias que eram destinadas apenas aos deuses.

O objetivo aqui é o conotativo educacional que a areté carregava consigo, e para isso retornaremos a Murari, Amaral e Pereira Melo³, que chama a educação daquele período de educação homérica, a qual, era voltada para o homem guerreiro, que se embasava em dois pilares: os conhecimentos técnicos (aptidão física, manejo de armas, oratória, dança e canto), e as competências éticas (valores, atitudes e ideias – honra, bondade, nobreza e coragem).

O cerne da ética homérica se fundamenta no valor de cada homem, ou seja, nos méritos ou qualidades pelos quais esse homem se mostra excelente, possuidor da areté. Nessa sociedade guerreira os homens deviam buscar exibir sua areté por meio de atos e palavras, o que implicava que, nas aptidões que lhe eram próprias, o homem devia buscar fazê-las do modo mais perfeito possível, sempre buscando um ideal³ (p. 9860).

Através do areté, podemos encontrar na Grécia Antiga uma preocupação com relação à aquisição de conhecimentos múltiplos, ultrapassando a força física. Sendo assim, a origem do Olimpismo perpassava por um ideal mais heroico, de se alcançar a glória conferida apenas às divindades através de atos de excelência. Entretanto, a educação através desse ideal poderia sim, auxiliar na formação integral, pois englobava os já citados conhecimentos técnicos e as competências éticas³.

O que é o Olimpismo hoje?

Falar de Olimpismo é impossível sem citar Pierre de Coubertin. Barão francês, Coubertin foi o fundador do Movimento Olímpico Moderno, cuja principal ambição era a de reformar o sistema educacional francês, utilizando de instrumentos que facilitassem a formação intelectual eclética, tendo como referencial, o modelo grego antigo. Dessa forma, ele encontrou no esporte, através de seu contato com Thomas Arnold, na época diretor da Rugby School na Inglaterra, a base para essa releitura de educação⁵.

Para Arnold, tinha de existir uma associação entre as disciplinas intelectuais e as práticas desportivas. Ele via o desporto como um meio de canalizar a energia dos adolescentes assegurando, igualmente, uma educação total. O adolescente está no colégio, não para ser disciplinado, mas para se emancipar gradualmente, exercitando o livre-arbítrio e a reflexão, aprendendo a usar a sua independência com base em leis que o tornam responsável (consciência e sociedade)⁶ (p. 5-6).

Através de suas pesquisas e influências, Pierre de Coubertin ultrapassou os limites por ele delimitados. “Para Coubertin, o Olimpismo enquanto ideologia transcendia as barreiras que tendiam a dicotomizar o ser humano em várias facetas. Pode-se dizer que para ele esta não era uma filosofia de vida, mas a própria vida (p. 14)”⁵.

É fato que a origem do Olimpismo Moderno provém de uma ideologia voltada para a Educação e que se abre num leque muito maior. Contudo, hoje, se tratando de conceito, não há explicação que melhor contemple a essência do Olimpismo, do que a definição que consta na própria Carta Olímpica.

O Olimpismo é uma filosofia de vida que exalta e combina em um todo equilibrado as qualidades do corpo, vontade e mente. Combinando esporte com cultura e educação, o Olimpismo procura criar um modo de vida baseado na alegria do esforço, no valor educativo do bom exemplo, responsabilidade social e respeito pelos princípios éticos fundamentais universais⁷ (p. 25, tradução nossa).

O Olimpismo não se limita à prática esportiva como fonte de uma vida melhor, mas a apresenta como ferramenta, que também necessita de ajuda. Sendo assim, esporte, educação e cultura formam a ponte para uma vida, se podemos chamar assim, ideal. Além disso, podemos consolidar a ideia de que as bases para o Olimpismo são os valores universais, tais como Respeito, União, Igualdade, Fraternidade e Solidariedade, denominados pelo autor acima como “Princípios Éticos Fundamentais Universais”, sem desprezar obviamente a superação, a educação e a responsabilidade social.

Valores Universais ou Princípios Fundamentais Universais são conceitos que giram em torno de um mesmo núcleo comum. Esse núcleo comum é do que tudo aquilo que pode ser aceito por qualquer cultura, incorporando-o à realidade particular de cada povo⁸.

De uma maneira mais aprofundada, o COI (Comitê Olímpico Internacional) vai além de uma definição poética sobre o tema, conferindo o objetivo do Olimpismo, como sendo o de “colocar o esporte ao serviço do desenvolvimento harmonioso da humanidade, tendo em vista a promoção de uma sociedade pacífica preocupada com a preservação da dignidade humana (p. 11, tradução nossa)”⁷.

Contudo, é difícil encontrar atitudes que carreguem consigo esse espírito. Mesmo os próprios Jogos Olímpicos, maior instrumento de disseminação de tal filosofia, acaba por camuflar esse ideal.

Os Jogos Olímpicos hoje são movidos por essa ordem cultural baseada no princípio do prazer, na lógica do individualismo hedonista e narcisista, na qual o desempenho dos corpos é exaltado, fazendo do atleta o ator principal da estética deste espetáculo. Os resultados do esforço, dos sacrifícios, da disciplina da dedicação aos treinamentos fazem daqueles altos desempenhos, alvos de investidores e/ou especuladores. Sob esta lógica, questiona-se até onde os Ideais Olímpicos poderão sobreviver, mantendo-se fiéis a seus princípios⁹ (p. 251).

Obviamente que o intuito aqui não é repudiar os Jogos Olímpicos quanto a suas atitudes mais voltadas ao marketing, à venda de imagens e ao lucro. Entretanto, é impossível não confrontar essa visão com uma filosofia extremamente altruísta e

mascarar o lado podre da maçã. Seria ignorância. Como tudo tem seus pontos positivos e negativos, o Olimpismo também tem o seu calcanhar de Aquiles. Todavia, há uma razão para a crítica e a dúvida quanto à validade do Ideário Olímpico.

Proni¹⁰, explica que a metamorfose dos Jogos, e sua situação atual frente a ações publicitárias, venda de direitos de imagem, a comercialização dos símbolos olímpicos, bem como a luta contra o doping, se dá pelas circunstâncias às quais ao longo de toda a história, o Movimento Olímpico teve de se adaptar. Toda essa transformação foi inevitável, já que os custos para a organização das Olimpíadas, e a busca por resultados e feitos verdadeiramente heroicos, aumentam a cada momento.

Em meio a tanta controvérsia, especulações e insinuações, nossos olhares devem se voltar às origens. Um bom começo está na fala de McNeely¹¹ (McNeely*, 1980, apud Todt, 2008, p. 7) que discorre sobre a verdadeira finalidade do megaevento, que ressurgiu como incentivador de uma transformação social e principalmente educacional, colocando de lado o conotativo atlético e a busca pela superioridade.

O Olimpismo é, por excelência, a glorificação da juventude. Era para glorificar a juventude que se reuniam, de quatro em quatro anos, os antigos em Olímpia e os que já há vinte e cinco anos assistem à realização das Olimpíadas Modernas podem se dar conta da alta significação dessas festividades, em Atenas, Paris, Saint Louis, Londres e Estocolmo, que foram sucessivamente os lugares privilegiados para sua realização. De que maneira a juventude pode ser glorificada? Pelo culto ao esforço, pelo desprezo ao perigo, pelo amor à pátria, pela generosidade e o espírito cavalheiresco, pelo contato com as Artes e as Letras; tais são as bases fundamentais do Olimpismo¹² (p. 741).

O que podemos sintetizar até então, é que não devemos deixar que a Filosofia Olímpica seja somente exemplificada pelos Jogos Olímpicos. Isso seria um erro. Portanto, é necessária uma visão originária de todo o ideal, e nesse sentido, o slogan dos Jogos Olímpicos de Atenas 2004 cabe milimetricamente: *Welcome Home* (Bem-Vindo ao lar), num sentido de regresso às origens. Um inevitável retorno ao primeiro amor. Se

* McNeely S. Cooperation between Educational and Olympic Authorities. Report of the International Sessions for Educationists 1973 - 1977 - 1979. HOC, Athens: HOC; 1980. p. 260-278.

tratando de um imprescindível retorno, será que não estaríamos então, regressando não apenas ao ideário olímpico antigo, mas com base no sentido original, voltar a nos mesmos?

Valores Universais e Dignidade

O que seria intrínseco? De acordo com Ferreira¹³, intrínseco é “1. Que está dentro duma coisa ou pessoa e lhe é próprio, íntimo. 2. Inseparavelmente ligado a uma pessoa ou coisa (p. 429)”. Tendo como foco o ser humano, podemos entender algo intrínseco, como sendo parte de alguma pessoa. Desde a concepção, determinado fator estava presente, e indo de acordo com o item 2 do dicionário acima citado, é inseparável. Tendo então como base esse conceito de intrínseco, podemos deduzir que a proposta estuda os fatores, os elementos que fazem parte do ser humano desde seu nascimento, ou seja, que são do homem desde sua concepção. Como o intuito é criar um elo entre o Olimpismo e o intrínseco, uma incógnita surge: O Olimpismo é inato no ser humano? Para responder a essa questão, voltamos aos valores universais. Nesse regresso, mais uma pergunta aparece: o que pode ser considerado como valores universais?

Seguindo o raciocínio de Todt¹¹, podemos ampliar os horizontes com relação à temática. Com base no autor acima, podemos classificar os valores universais em dois: valores humanos e valores fundamentais. Dentro dos valores humanos, podemos citar a irmandade, a cooperação, a união e a partilha. Já nos valores fundamentais, podemos elencar a liberdade, a igualdade e a solidariedade. De acordo com a ONU¹⁴, tais valores são denominados universais, por regerem a humanidade por completo, tornando-nos iguais em dignidade e direitos.

O que nos assegura essa igualdade “jurídica” é proveniente de declarações, tratados e acordos, sendo reconhecidos por grande parte das nações. Um exemplo aqui cabível é a Declaração Universal dos Direitos Humanos, concebida em 1948 e que ampara o mundo inteiro. Porém, o que nos torna iguais, transcende assinaturas. É mais íntimo do que poderíamos achar. Somos conectados pelo que nos é inato. Essa conexão íntima pode ser esclarecida pela Filosofia, tendo como referência, os pensamentos de Immanuel Kant.

De acordo com Da Silva¹⁵, a filosofia kantiana alega que o ser humano, um ser racional, existe como fim em si mesmo, não sendo considerado como simplesmente um

meio. Já os seres que não detêm racionalidade são classificados meios, por não possuírem um valor interno e insubstituível, sendo denominados como coisas. Por ser racional, o ser humano se direciona como fim em si mesmo, não assumindo uma natureza meramente instrumental. Assim, percebemos o papel valioso que desempenha a racionalidade como princípio de humanidade.

Todavia, não é apenas a racionalidade que determina a nossa natureza humana. Da Silva¹⁵ conclui, tendo como base o pensamento kantiano, que “Todo ser humano, sem distinção, é pessoa, ou seja, um ser espiritual, que é, ao mesmo tempo, fonte e imputação de todos os valores (p. 90)”. Aqui, Da Silva¹⁵ nos confirma, embasado em Kant, que além da capacidade racional, outro aspecto deve ser levado em consideração na constituição da nossa humanidade: os valores. Contudo, Kant não utiliza o termo “valores”, ou mesmo “valores universais”, ele utiliza a palavra “dignidade”. Para adentrarmos nesse território chamado por Kant de “dignidade”, devemos estar a par de uma de suas teorias, a qual é denominada: Reino dos Fins.

No reino dos fins tudo tem ou um preço ou uma dignidade. Quando uma coisa tem um preço, pode-se pôr em vez dela qualquer outra como equivalente; mas quando uma coisa está acima de todo o preço, e portanto não permite equivalente, então tem ela dignidade¹⁶ (p. 77).

Dignidade, portanto, é tudo que não tenha equivalência, ou seja, não pode ser substituído e a nada se equipara. Por outro lado, tudo o que tenha um preço, pode ter um substituto, algo que se assemelhe, e assim possa tomar o seu lugar. Consequentemente, dignidade não pode ser classificada como um preço ou um valor relativo, mas um valor íntimo, algo insubstituível¹⁶.

Nessa linha, Tonetto¹⁷ explica a dignidade como mais um princípio para a natureza humana. A autora esclarece a dignidade, juntamente à capacidade moral, como bases para a construção do homem. Ela relata que “Kant diz que a “humanidade enquanto capaz de moralidade” é o que possui dignidade e, por isso, deve ser tratada como um fim em si mesmo¹⁷ (p. 189)”. Dessa forma, ponderamos uma afirmativa: Um ser racional só é racional pela dignidade, e sem a dignidade, um determinado ser não pode ser racional. Sendo racionalidade e dignidade alicerces da natureza humana, ou seja, o que somos é resultado da junção de ambos, podemos categoriza-los como

atributos pré-existentes. De maneira particular, podemos titular a dignidade como sendo algo intrínseco, ideia essa reforçada com a seguinte afirmativa:

A dignidade da pessoa humana é uma qualidade intrínseca, inseparável de todo e qualquer ser humano, é característica que o define como tal. Concepção de que em razão, tão somente, de sua condição humana e independentemente de qualquer outra particularidade, o ser humano é titular de direitos que devem ser respeitados pelo Estado e por seus semelhantes. É, pois, um predicado tido como inerente a todos os seres humanos¹⁸. (SARLET[†], 2002, apud SARLET, 2009, p. 15).

Consolidando por fim o valor intrínseco da dignidade, Da Silva¹⁵ ainda afirma que dignidade é atributo intrínseco, e apenas à pessoa humana, já que ele é o único ser que compreende um valor interno, maior que qualquer outra coisa, não sendo passível de substituição. Após esses levantamentos, podemos chegar às seguintes afirmativas: A primeira é a de que todos nós detemos uma dignidade e que a mesma é intrínseca; E a segunda, é a de que a dignidade é composta por valores, tal qual Da Silva¹⁵ tinha insinuado. Frente a isso, uma síntese pode ser criada: a de que os valores que compõem a Dignidade Humana são intrínsecos.

O fundamento inato está em Kant, mas a conexão do intrínseco com o Olimpismo, encontramos em Sócrates. Esse filósofo da Grécia Antiga é considerado um dos precursores do pensamento filosófico sobre dignidade, como nos relata Lacerda¹⁹. Com o pensamento de que o ser humano é diferenciado dos outros seres, por possuir aquilo que chama de alma, Sócrates compartilhava do pensamento Olímpico Antigo. Diferentemente de Immanuel Kant, Sócrates não utilizava a palavra “Dignidade”, mas sim, areté¹⁹. Como vimos anteriormente, areté é a busca constante por ser melhor, demonstrando em atos, a sua excelência, digna de aclamações heroicas. Condizendo com a ideia de Sócrates, ao qual cria um elo com a dignidade, podemos utilizar as seguintes palavras:

Areté equivale ao latino *virtus* que representa hombridade, valor. No sentido cavalheiresco da palavra se expressa o conjunto de qualidades que fazem do

[†] Sarlet WI. Dignidade da pessoa humana e direitos fundamentais na Constituição da República de 1988. Porto Alegre: Livraria do Advogado; 2002. p. 22.

homem um herói. O vigor, a saúde, a beleza, a força e a destreza são considerados expressões da areté do corpo, ao passo que a sagacidade, a bondade, a prudência, o senso de justiça, o amor às artes e a agudeza mental são areté do espírito. A areté é, pois, a condição espiritual das almas superiores unida à capacidade de ação² (p. 351).

Criando então o elo entre a dignidade e o Olimpismo, podemos levantar a reflexão: Não é o Olimpismo, intrínseco no ser humano, já que apenas os valores universais são intrínsecos, formando assim a Dignidade Humana. Porém, esses valores compõem a base para o Olimpismo. Assim, a consequência do Intrínseco do ser humano, quando trabalhada, é o Olimpismo. Dessa forma voltamos para a prática. Como aproveitar a popularidade dos Jogos Olímpicos para debater o Olimpismo, e trazer à tona a discussão sobre valores universais dentro da escola?

Aplicabilidade na Escola

Analisando a bibliografia existente, encontramos três principais vertentes que recomendam a utilização do Olimpismo dentro do âmbito escolar.

1. Educação Olímpica

O que mais se discute hoje quando o assunto é Olimpismo na escola, é a proposta de Educação Olímpica (E. O.) defendida por Norbert Muller.

O termo Educação Olímpica não foi criado por Coubertin, embora seja um legado atribuído à (sic) ele; este utilizava-se da expressão “Pedagogia do Esporte”. A Educação Olímpica começou a ser sistematizada por Norbert Muller na década de 1970 a partir de estudos e pesquisas na área do Olimpismo e dos escritos de Coubertin, que pressupunha o desenvolvimento do indivíduo como um todo, em contraste à educação cada vez mais especializada²⁰ (Muller[‡], 2004, apud Gomes; Santos; Silva, p. 41).

[‡] Muller N. Olympic education: university lecture on the Olympics. Barcelona: Centre d’Estudis olímpics (UAB). International Chair in Olympism (IOC-UAB); 2004. Disponível em: <<http://olympicstudies.uab.es/lectures/web/pdf/muller.pdf>> Acesso: 02 mai. 2012.

A partir de Muller, muitos outros autores iniciaram suas pesquisas quanto à Educação Olímpica. Entre eles, Brownlee afirma que a Educação Olímpica busca dar vida ao Olimpismo, ensinando os ideais olímpicos, proporcionando experiências que reafirmem a identidade cultural e pessoal ao educando, além de tolerância, compreensão, desenvolvimento e a busca pela excelência⁵.

Já Bruce Kidd levanta os objetivos para uma educação alcançar o status de olímpica²¹ (Kidd[§], 1985 apud Zimmermann, 2016, p. 81):

- Participação em massa: a expansão das oportunidades para o esporte e jogar para criar o que Coubertin chamava de “a democracia da juventude”;
- Esporte como educação: o desenvolvimento de oportunidades que são genuinamente educacionais, que auxiliam os indivíduos e grupos no processo de conhecimento;
- Desportismo: a promoção de um alto padrão de espírito esportivo, que Coubertin chamava de “o novo código de cavalaria”.
- Intercâmbio cultural: a integração do visual e das artes de palco para as comemorações olímpicas;
- Compreensão internacional: a criação de um movimento cuja adesão transcenda categorias raciais, religiosas, políticas e econômicas, ou seja, uma irmandade que promova a compreensão e, assim, contribua para a paz mundial; e
- Excelência: a busca da excelência no desempenho.

Concomitante a essas metas, Muller²² elencou algumas características norteadoras que classificam um método educacional como sendo olímpico:

- Desenvolvimento harmonioso do ser humano: Uma preocupação em desenvolver, de maneira harmônica e integral o ser humano;
- Perfeição humana: Busca do seu melhor, a busca da sua perfeição como ser humano;

[§] Kidd B. *The Legacy of Pierre de Coubertin*. Paper presented at Olympic Academy of Canada. Vancouver, B. C; 1985.

- Compromisso voluntário com a ética que se encontra na atividade esportiva: Respeito às regras, e ao Fair Play (ética de qualquer atividade competitiva), priorizando a atitude altruísta, de maneira espontânea, de forma natural;

- Paz e harmonia universal: Promoção do respeito entre as diferentes culturas do mundo dentro da instituição escolar, permitindo uma reflexão e instigando uma futura mudança atitudinal, através do esporte;

- Emancipação no e através do esporte: Respeito entre os sexos, o respeito à competição, bem como o compromisso em desenvolver a responsabilidade nos alunos, através do esporte.

Essa última característica pode ser interpretada de outra maneira. Emancipação provém de liberdade. Uma emancipação, mesmo que utópica, utilizaria do esporte como veículo de autonomia e criticidade, além de criatividade. Dessa forma, nos libertaríamos da superficialidade, e do senso comum, almejando através do esporte, opiniões mais rebuscadas e complexas, construindo um conhecimento cada vez mais crítico e erudito.

Teoricamente, a proposta de Educação Olímpica contempla uma rica gama de argumentações a seu favor. Contudo, é necessário colocarmos em prática tudo que se encontra no papel. Para tal, Naul propõe quatro tipos de abordagens que tiram do papel a E. O.⁵ (Naul**, 2002 apud FUTADA, 2007, p. 23).:

- Abordagem orientada por informação/conhecimento: Esta abordagem, de acordo com o autor, seria a mais disseminada pelo mundo, e teria seu foco sobre a apresentação de informação sobre os Jogos Olímpicos Modernos e Antigos, com ênfase em nomes, datas e fatos do Movimento Olímpico.

- Abordagem pela prática/experimental: Esta proposta enfatiza a participação de crianças e adolescentes em competições e festivais “Olímpicos” escolares, na cooperação e comunicação internacional, e enfatiza o ensino do fair play e da compreensão cultural.

- Abordagem de desenvolvimento individual através do esforço: O foco dessa abordagem recai sobre a ideia de que o desenvolvimento individual e social ocorre por meio de um esforço intenso de auto superação física e através da competição com outros.

** Naul R. 2002. *Olympische Erziehung: Ein integriertes Konzept fuer Schule und Verein. Bewerbung fuer die Olympischen Sommerspiele 2012 in Duesseldorf Rhein-Ruhr; 2002.*

- Abordagem orientada para a vida: Aqui entende-se e interpreta-se os ideais Olímpicos como motivação para atividades de aprendizado individual para todos os estudantes em todos os aspectos de sua vida, integrado à participação pessoal no esporte e na atividade física.

Tais abordagens priorizam um determinado aspecto relevante no processo de ensino-aprendizagem. Porém, o leque de possibilidades não se limita apenas ao que Norbert Muller apresenta. Seguindo uma ramificação de Muller, encontramos a proposta de Deanna Binder.

2. Educação Olímpica segundo Deanna Binder

Entre as diversas linhas de se pensar o Olimpismo efetivamente na escola, Deanna Binder²³, sugere uma nova linha de raciocínio, que a qual, se encaixa na proposta do presente estudo. Ela leva a reflexão do Olimpismo a um enfoque nos valores que a filosofia prega, resumindo-os em quatro “alegria de esforço na atividade física, fair play, multiculturalismo (entendimento internacional) e ser o melhor que você pode ser (busca da excelência) (p. 02, tradução nossa)”²³. Tendo esses quatro valores basilares, a autora apresenta cinco temas que podem auxiliar o professor de E. F. a trabalhar os valores acima descritos em suas aulas²³ (Binder^{††}, 2000 apud Binder, 2010, p. 6-7, tradução nossa):

- Corpo, mente e espírito: Inspirar as crianças a participar na atividade física;
- Fair Play: O Espírito do Esporte na Vida e na Comunidade;
- Multiculturalismo: Aprender a conviver com a diversidade;
- Em Busca da Excelência: Identidade, Autoconfiança e Auto Respeito;
- Os Jogos Olímpicos Presente e Passado: Celebrando o Espírito Olímpico.

Os temas, assim sendo, iniciariam uma proposta efetiva na utilização do Olimpismo dentro das salas de aula, fornecendo um ponto de partida nas futuras ações dos docentes. Em consequência disso, propostas de trabalho são sugeridas por Binder,

^{††} Binder DL. *Be a champion in life: International teacher's resource book*. Athens: Foundation of Olympic and Sport Education; 2000.

sendo salientados aqui, dois processos de ensino²³ (BINDER^{‡‡}, 1995 apud BINDER, 2010, p. 08, tradução nossa):

- Identificar e resolver conflitos morais. A conversa é um componente muito importante do processo de resolução de conflitos e tomada de decisões morais. A maioria das atividades deste programa são acompanhadas por uma seção de conversa.

- Mudança de papéis e perspectivas. As crianças nessa idade tendem a ver seu mundo de um ponto de vista egocêntrico. Jogos, simulações, dramatizações, etc. proporcionariam oportunidades para se colocar no lugar de outra pessoa

Nesses processos, então, o apelo por uma vivência prática é inegável, amparada pelas ideias de empatia, não negligenciando o valor absoluto da reflexão discursiva. Para que isso aconteça, o papel do professor é insubstituível e de necessária participação, pois são atribuídos a ele as competências que auxiliam os alunos a se desenvolverem moralmente, utilizando de situações em que haja conflitos morais a todo instante, oferecendo à criança subsídios para ela refletir não somente à seus parâmetros, mas em uma visão global do cenário²³. Sendo assim, uma proposta de E. O. embasada nos valores olímpicos aparece como sendo excelente, condizendo com as propostas do presente trabalho, já que salienta os valores e utiliza de métodos teoricamente plausíveis, que as quais, complementa as iniciativas de Muller, que peca em não levantar, de forma prática, a preocupação com os valores atribuídos ao Olimpismo. Entretanto, há outra vertente que movimentava as reflexões, e crítica a não utilização de uma pedagogia mais incisiva e efetiva.

3. Educação do Olimpismo de Ian Culpan e Sheila Wigmore

Culpan e Wigmore²⁴ alegam que há incoerências em algumas abordagens de Educação Olímpica, que não executam de maneira efetiva o aprendizado do Olimpismo. Indo além, os autores levantam o argumento de que a pedagogia nessas abordagens é falha e transmite a imagem ilusória de perfeição do ideário olímpico. Eis uma crítica ao aprisionamento dos alunos a métodos que restringem a reflexão, a crítica e a experiência pessoal de cada educando. De uma maneira mais incisiva os autores alegam que as

^{‡‡} Binder DL. *Fair play for kids: A handbook of activities for teaching fair play*. Ottawa: Fair Play Canada; 1995

atuais abordagens de Educação Olímpica não se baseiam no Olimpismo, tão pouco utilizam as aulas de E. F. ou atividades esportivas, mas sim, métodos simplistas, com um acúmulo saturado de conteúdo teórico, negligenciando a prática, privando os alunos de obter experiências, ou, indo ao outro extremo, e acabam por se tornar abusivamente esportistas, buscando o desempenho físico perfeito.

Através dessa interpretação vinculada com as críticas, fica evidente a proposta de Educação do Olimpismo: “Essencialmente, uma pedagogia crítica para a educação do Olimpismo procura "desenvolver indivíduos e grupos que possam refletir criticamente sobre expor relações de poder²⁴ (Culpan; Bruce^{§§}, 2007, apud Culpan; Wigmore, 2010, p. 71-72, tradução nossa)”. A intenção então é a de atribuir ao Olimpismo uma pedagogia crítica, tornando o processo de ensino-aprendizagem mais eficaz e proporcionando ao aluno uma maior autonomia, ofertando subsídios para o seu desenvolvimento integral, através do esporte, dentro da Educação Física. Para que isso ocorra, uma série de orientações devem ser levadas em consideração²⁴ (p. 70, tradução nossa):

- Menor ênfase nos aspectos técnicos (fatos e números funcionais) dos Jogos;
- Ter mais ênfase na prática filosófica do Olimpismo;
- Ter mais ênfase na coerência pedagógica que incentiva e promove a crítica e o debate;
- Ser manifestado através da educação física experiencial e do esporte que promove a prática do consumismo crítico e da transformação social;
- Ter mais reconhecimento e alinhamento com os requisitos do currículo de educação física do país; e
- Ter um resultado global no desenvolvimento de um tipo de cidadão ativo que possa contribuir para construir um mundo mais pacífico e melhor.

A proposta de Culpan e Wigmore²⁴ em adotar uma perspectiva crítica à educação que se embasa no Olimpismo é extremamente interessante, e agrega ao que Muller²² e Binder²³ apresentam. Podemos deduzir então, que cada uma das propostas apresenta uma face de uma pedagogia completa, e que no conjunto estariam próximas

^{§§} Culpan, I., and Bruce, J. (2007). New Zealand physical education and critical pedagogy: refocusing the curriculum. *Int. J. Sport Health Sci.* 2007; 5: 1-11

ao ideal. Nesse contexto, a proposta do atual estudo, uma perspectiva intrínseca de Olimpismo, pode ser o elemento em que ambos dialoguem e se incrementem.

Olimpismo visto a partir de uma perspectiva intrínseca

A proposta de uma educação que se embasa no Olimpismo, e que detenha uma visão intrínseca, está alicerçada nos pensamentos de dignidade de Sócrates e Immanuel Kant, seguindo as ideias de Deanna Binder²³ em enaltecer os valores olímpicos, não deixando de lado os conhecimentos teóricos sobre o Movimento Olímpico, além de uma ampliação da cultura esportiva olímpica, ambos disseminados por Norbert Muller²², mas utilizando uma pedagogia crítica que possibilite o aluno a se desenvolver de maneira autônoma, instigando-o a refletir sobre si e sobre o mundo, assim como Ian Culpan e Sheila Wigmore²⁴ defendem. Obviamente a preocupação sobre os valores é primordial, afinal, é o motivo pelo qual o Olimpismo existe. Entretanto, entramos em um impasse entre as ideias de valores defendidas por Sócrates e Kant, e aquelas defendidas por Deanna Binder²³.

O estudo atual se baseia em valores denominados universais, sendo eles respeito, união, solidariedade, fraternidade, cooperação, amizade, entre outros, fundamentados pelos pensamentos socrático e kantiano. Já Binder²³ focaliza sua definição de valores como bem-estar em tentar realizar uma atividade física, o fair play dentro do esporte, o respeito entre as diversas etnias, além da busca por ser melhor.

De maneira dialética, a ideia de Deanna Binder²³ sobre valores é, de fato, mais enxuta, pois se dirige especificamente ao universo esportivo, todavia, para que se chegue ao cenário que Binder pincela, é necessário um ponto de partida. Assim sendo, é necessário trabalhar valores universais dentro de uma situação esportiva, para que depois, o esporte seja fonte de valores já contextualizados. Completando a síntese entre Binder e a pesquisa aqui feita, apresentamos novamente a proposta de atuação na escola que a autora indica, tornando-se conveniente e exequível.

Os professores podem ajudar os alunos a desenvolver suas habilidades de raciocínio moral, fornecendo experiências que criam conflito moral expondo as crianças a outros modos de pensar mais elevados do que os seus próprios. A estimulação do desenvolvimento moral ocorre quando as crianças são

apresentadas com conflitos morais genuínos e difíceis²³ (p. 8, tradução nossa).

Da forma como Binder utiliza das experiências que o professor apresenta para a classe, o aprendizado acaba por se tornar mais eficaz, tendo um vislumbre da pedagogia crítica que Culpan e Wigmore defendem, possibilitando ao aluno levantar suas conclusões através de reflexões pessoais. Utilizando de tudo isso, uma proposta intrínseca de E.O. se torna a mais completa, e desempenha um ponto de partida para a introdução do Olimpismo na escola.

Ensino Fundamental

O Olimpismo na sua perspectiva intrínseca, seria melhor aproveitado no Ensino Fundamental, tanto nos Anos Iniciais, quanto nos Anos Finais²⁵, acompanhando a evolução global da criança, em especial a cognitiva. Utilizamos os estudos de Jean Piaget, ao qual classifica essa faixa etária entre os estágios de operações concretas e o operatório formal²⁶. No estágio das operações concretas, a criança começa a amadurecer cognitivamente, contudo, ainda não se é detectado a abstração. Ela ainda não consegue realizar reflexões a cerca daquilo que ela não experimentou, criando assim uma hipótese. Ela pensará quanto àquilo que está sob posse dela, ou de coisas que estão em sua memória²⁶.

Já no estágio operatório formal, a criança evolui em seu desenvolvimento cognitivo para o último estágio. A criança agora estabelece relações abstratas, e não mais se baseia no que ela faz ou já fez. Ela faz reflexões com o mundo de maneira mais complexa, desconstruindo e recombinao, tanto sua percepção sobre objetos, como ideias e hipóteses²⁷. Por contemplar uma evolução, em especial cognitiva, extremamente significativa durante o período do Ensino Fundamental (1º ao 9º ano – 6 à 14 anos de idade), a aplicação do Olimpismo em sua interpretação intrínseca se mostra propícia, por proporcionar ao aluno uma reflexão que transita entre o abstrato e o concreto.

A proposta de se trabalhar valores nessa faixa etária se mostra um desafio, pois lida com conceitos abstratos, que de início, são complexos e difíceis. Entretanto, utilizando de jogos e a prática esportiva nas suas mais diversas situações e contextos, a compreensão desses valores pode se tornar mais fácil, já que se fundamenta e se

desenvolve a partir de situações concretas, além de provocar o desenvolvimento integrado dos educandos, desenvolvendo um processo de ensino-aprendizagem eficaz e amplo, adentrando na proposta de Culpan e Wigmore²⁴ sobre criticidade, e estando em sintonia com a aquisição de valores defendida por Binder²³.

Considerações Finais

Podemos concluir que o Olimpismo é uma filosofia que se adequa muito bem às propostas de uma educação integral já que permite viver praticamente e corporalmente, os comportamentos representados pelos valores do Olimpismo. Dessa forma, não somente a cultura corporal não é negligenciada, mas robustecida, ajudando assim a cultivar uma cultura esportiva dentro dos ideais propostos por Coubertin em nossa sociedade. Obviamente que as iniciativas de uma educação pautada no ideário olímpico postas em prática atualmente, não são tão eficazes quanto as expectativas teóricas nos fazem almejar. Propostas como as levantadas aqui se baseiam em pontos de vista diferentes, mas todas visando um bem comum: a formação integrada e de qualidade aos nossos alunos. Uma perspectiva intrínseca para uma educação embasada no Olimpismo se apresenta como uma solução à defasagem encontrada, já que as propostas mais próximas à ideia do presente estudo se voltam a valores já praticados no esporte. Analisando a aplicabilidade da proposta aqui feita, podemos concluir que é possível utilizar um olhar intrínseco à filosofia olímpica dentro das aulas de Educação Física Escolar, apropriando-se ainda em métodos já existentes. Entretanto, não há muitas pesquisas voltadas para esse ponto de vista, e o presente estudo poderá servir como ponto de partida para novas reflexões.

Referências

- 1 Yalouris N. Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga. São Paulo: Odysseus Editora; 2004.
- 2 Rubio K, Carvalho AL. Areté, fair play e o movimento olímpico contemporâneo. *Revista Portuguesa de Ciências do desporto*. 2005; 5(3): 350-357.
- 3 Murari JC, Amaral RG, Pereira Melo JJ. Objetivos e características da educação homérica: Uma reflexão sobre o conceito de areté. IX Congresso Nacional de Educação–EDUCERE/III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia–26 a. Vol. 29. 2009. Paraná. Paraná: PUCPR; 2009 [acesso 27 fev. 2017]. p. 9854-9866. Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2562_1928.pdf.
- 4 Galito MS. Areté – Heróismo e excelência. *Studies*. 2012; 92 [acesso 27 fev. 2017]. Disponível em: <http://www.ci-cpri.com/wp-content/uploads/2013/12/Arete-Heroismo-Excelencia.pdf>.

- 5 Futada FM. Educação olímpica: Conceito e modelos. In: Rubio K. (org.) Educação olímpica e responsabilidade social. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2007. p. 13 -28.
- 6 Santos C. Educação e cultura Olímpica: O legado de Pierre de Coubertin. VIII Congresso Português de Sociologia, 2014, Évora – Portugal. Évora: Universidade de Évora; 2014 [acesso 03 mar. 2017]. Disponível em: http://www.aps.pt/viii_congresso/VIII_ACTAS/VIII_COM0393.pdf.
- 7 COI. Carta Olímpica. Lausanne: Comitê Olímpico Internacional, 2016.
- 8 Magalhães JLQ. Princípios Universais de Direitos Humanos e o novo Estado Democrático de Direito. 1999 [acesso 03 mar. 2017]. Disponível em: <http://www.raul.pro.br/artigos/princip.pdf>.
- 9 Costa VLM. O Sonho Olímpico de formar um campeão na vida: O papel dos educadores. In: Moragas M, Da Costa, L. (Org.). *Universidad y estudios olímpicos: Seminarios España*. Bellaterra: Servei de Publicacions; 2006. p. 249-257.
- 10 Proni MW. A reinvenção dos Jogos Olímpicos: um projeto de marketing. *Esporte e Sociedade*. 2008; 3(9): 185-204.
- 11 Todt NS. Um país olímpico sem educação olímpica. *Prêmio Brasil de Esporte e Lazer de Inclusão Social*. 2008; 1: 370-380.
- 12 CIPC. Olimpismo – Seleção de Textos. Porto Alegre: Comitê Internacional Pierre de Coubertin; 2015.
- 13 Ferreira ABH. *Mini Aurélio Século XXI: O minidicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 2001.
- 14 ONU. Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948 [acesso 18 fev. 2017]. Disponível em: <http://www.onu.org.br/img/2014/09/DUDH.pdf>.
- 15 Da Silva JA. A dignidade da pessoa humana com valor supremo da democracia. *Revista de direito administrativo. R Dir Adm*. 1998; 212: 89-94, 1998.
- 16 Kant I. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Lisboa: Edições 70; 1995.
- 17 Tonetto MC. Sobre a caracterização do conceito de dignidade em Kant. *Princípios: Revista de Filosofia*. 2015; 20(33): 81-194.
- 18 Sarlet IW. Dignidade da pessoa humana. Em: Barreto VP., *Dicionário de Filosofia do Direito*. Renovar: Rio de Janeiro; 2009.
- 19 Lacerda BA. A dignidade humana em Giovanni Pico della Mirandola. *Legis Augustus*. 2010; 1(1): 13-20.
- 20 Gomes MC, Santos LJM, Silva PRP. Educação olímpica para quê? Educação Olímpica para quem? Representações e práticas para uma pedagogia crítica do olimpismo em tópicos especiais - O doping entre escolares. *Podium*. 2014; 3(1): 38-49.
- 21 Zimmermann MA. Quando e onde se forma a experiência olímpica do atleta. *Revista USP*. 2016; 110: 79-84.
- 22 Müller N. Olympic education. *The Sport Journal*. 2010; 7(1).
- 23 Binder D. Teaching Olympism in schools: Olympic education as a focus on values education. *International Chair in Olympism Lecture*. Barcelona: Centre for Olympic Studies; 2010 [acesso 29 abr. 2017]. Disponível em: https://ddd.uab.cat/pub/worpaper/2010/181092/binder_eng.pdf.
- 24 Culpan I, Wigmore S. The delivery of Olympism education within a physical education context drawing on critical pedagogy. *Int. J. Sport Health Sci*. 2010; 8: 67-76.
- 25 Brasil. *Ampliação do Ensino Fundamental para nove anos – 3º Relatório do Programa*. MEC: 2006 [acesso 26 mar. 2017]. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/ensfun9arel2006.pdf>.

Mota FM. O Olimpismo em uma perspectiva intrínseca no âmbito escolar. *Olimpianos – Journal of Olympic Studies*. 2018; 2(1): 304-323.

26. Pádua GLD. A epistemologia genética de Jean Piaget. *Revista FACEVV*. 2009; 2:22-35.

27 Piaget J. Desenvolvimento e aprendizagem. In: Lavattelly CS, Stendler F. *Reading in child behavior and development*. New York: Hartcourt Brace Jonovich; 1972. p. 7-19.